

O ato transfóbico de Nikolas Ferreira no Dia Internacional da Mulher: uma análise do acontecimento no jornal *O Globo*¹

Mariana Eduarda Agreste SILVA²

Mayra Regina COIMBRA³

Luiz Ademir de OLIVEIRA⁴

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, MG

RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo de analisar o enquadramento adotado pelo portal de notícias O Globo, frente ao discurso transfóbico feito pelo deputado federal Nikolas Ferreira (PL), no Dia Internacional da Mulher, contra a deputada federal Duda Salabert (PDT). Parte-se da hipótese de que a grande imprensa tem tendência a dar maior visibilidade e credibilidade para determinados políticos. O artigo traça um panorama das Teorias do Jornalismo (Traquina, 2001), discute o enquadramento noticioso (Coimbra, 2018; Porto, 2004) e acerca de identidades, gêneros e o universo trans (Santos, 2020; Favero, 2020). Para desenvolver o estudo, é feita uma Análise de Conteúdo de 17 (dezessete) notícias publicadas pelo *Globo* em março de 2023 quando houve o ato transfóbico do deputado Nikolas Ferreira.

PALAVRAS-CHAVE: Transfobia; Nikolas Ferreira; Enquadramento; *O Globo*.

Introdução

No dia 08 de março de 2023, Dia Internacional da Mulher, o deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) fez um discurso na Câmara dos Deputados com o objetivo de atacar a sua principal rival, a deputada trans Duda Salabert (PDT). O fato gerou várias polêmicas e ganhou ampla repercussão na mídia e na imprensa. Na ocasião, o deputado colocou uma peruca loira para ter “lugar de fala” e se intitulou como deputada Nikole. Em sua fala, questionou o fato de as mulheres estarem perdendo espaço na sociedade para homens que se sentem mulheres, principalmente nos esportes, concursos de beleza e na questão do uso do banheiro.

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Aluna do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSJ. E-mail: marianaeduardasilva05@gmail.com.

³ Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: mayrarcoimbra@gmail.com.

⁴ Bolsista de Produtividade do CNPq – Nível 2, Mestre e Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ, Mestre em Comunicação Social pela UFMG, docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Letras (PROMEL) da UFSJ e do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSJ e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UFJF. E-mail: luizoli@ufs.edu.br.

Nikolas Ferreira é uma figura que se envolve em polêmicas recorrentes. Em julho de 2022, expôs nas redes sociais imagens de uma aluna transexual menor de idade ao utilizar o banheiro feminino de uma escola particular em Belo Horizonte⁵. Em um outro momento, afirmou que jamais iria tratar Duda Salabert (PDT) pelo pronome feminino “Ela” porque está na certidão de nascimento que ela é um homem e a orientação sexual não é importante⁶. Nikolas tem várias denúncias e, sobre a polêmica do Dia da Mulher, foi condenado a pagar R\$80 mil por danos morais a Duda Salabert⁷.

Eleito, em 2022, com mais de 1,5 milhão de votos, sendo o recordista na disputa pela Câmara dos Deputados, Nikolas Ferreira (PL), pertence à Comunidade Evangélica da Graça e Paz. Tem forte apoio de diversas igrejas evangélicas, por vincular política, religiosidade, com estratégias nas redes sociais numa postura de direita de combate, principalmente, à comunidade LGBTQIAPN+. Tem como primeiro alvo a deputada opositora trans, Duda Salabert. Nas redes sociais, ele anuncia o seu perfil como “Cristão conservador e defensor da família”.

Duda Salabert, eleita deputada federal por Minas Gerais com 208 mil votos, já foi a vereadora mais votada para o Legislativo de Belo Horizonte em 2020, com mais de 37 mil votos. Professora de literatura, Duda foi a primeira mulher trans a se candidatar ao Senado Brasil pelo PSOL, em 2018, ficando em oitavo lugar, com mais de 300 mil votos. Em 2019, filiou-se ao PDT e, em 2020, elegeu-se vereadora⁸. Em 2022, foi eleita deputada federal⁹, numa campanha polarizada em que recebeu várias ameaças de morte de grupos neonazistas de São Paulo tanto por e-mail como por bilhetes, tendo sido obrigada a andar sob escolta policial e a votar com colete à prova de balas.

Quanto à postura transfóbica de Nikolas Ferreira no Dia Internacional da Mulher, o deputado disse, em seu discurso na Tribuna do Congresso, como forma de atacar e desconstruir a luta LGBTQIAPN+, que, naquele momento, sentia-se uma mulher transexual. “Hoje, o Dia Internacional das mulheres, a esquerda disse que eu não poderia falar, pois eu não estava no meu local de fala. Então eu solucionei esse

⁵ oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/04/mp-oferece-denuncia-contr-nikolas-ferreira-por-expor-aluna-trans-em-banheiro-escolar.ghtml. Acesso em 26/04/2023.

⁶ oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/03/relembre-oito-polemicas-do-deputado-nikolas-ferreira-alem-do-discurso-transfobico-no-dia-das-mulheres.ghtml. Acesso em 26/04/2023.

⁷ www.cnnbrasil.com.br/politica/nikolas-ferreira-e-condenado-a-pagar-r-80-mil-por-danos-morais-para-duda-salabert/. Acesso em 26/04/2023.

⁸ www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/11/15/interna_politica,1205317/com-mais-de-30-mil-votos-duda-salabert-e-eleita-vereadora-em-bh.shtml. Acesso em 26/04/2023.

⁹ <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/eleicoes/2022/noticia/2022/10/03/duda-salabert-e-a-primeira-deputada-federal-trans-da-historia-de-minas-gerais.ghtml>. Acesso em 03/08/2023.

problema aqui. Hoje eu me sinto mulher. Deputada Nikole” (NIKOLAS FERREIRA, 2022). Ele pontuou que “eles estão querendo colocar uma imposição de uma realidade que não é a realidade. É uma imposição. Ou você concorda com o que eles estão dizendo, ou caso contrário você é um transfóbico, homofóbico e preconceituoso”¹⁰. Ele reiterou que não estava defendendo convicções pessoais, mas o direito de um pai não querer que um homem entre no mesmo banheiro que a filha sem ser considerado um transfóbico. Declarou que é gênero fluido e que as mulheres não devem nada ao feminismo, pois o movimento exalta mulheres que nunca fizeram nada por mulheres¹¹.

A reação nas redes sociais foi instantânea: a oposição acusou o deputado de transfobia. A deputada Tabata Amaral (PSB-SP) e a bancada do PSOL entraram com pedido de cassação do mandato de Nikolas. O presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP), publicou uma reprimenda pública contra a atitude do político. Duda, por sua vez, entrou com representação no Conselho de Ética por quebra do decoro parlamentar¹². Além disso, a deputada citou que o Brasil é o país que mais mata transexuais no planeta e apontou que há uma estrutura de ódio contra trans, que as exclui do mercado de trabalho e das escolas. No final, ela referiu-se a Nikolas como “fascista”. Duda e Erika Hilton (PSOL) são as primeiras deputadas trans a ocupar vaga no Congresso Nacional na história política do país.

O artigo suscita um debate sobre Comunicação, Gênero e Política, tomando como foco a análise do enquadramento do jornal *O Globo*, a fim de identificar de que forma o veículo, vinculado ao maior grupo de mídia do Brasil, retratou o episódio transfóbico de Nikolas Ferreira (PL), a partir da análise de 17 notícias postadas no mês de março. Optou-se pela Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).

Panorama das Teorias do Jornalismo

Apesar de a imprensa ainda trabalhar com a ideia de objetividade jornalística, até como forma de legitimar o campo e evitar críticas e processos, conforme aponta Tuchman (1993), é importante mencionar como o debate sobre o fazer jornalístico é feito no século XX. Segundo Traquina (2001), a primeira e mais antiga das teorias é a

¹⁰ www.cnnbrasil.com.br/politica/nikolas-ferreira-veste-peruca-na-camara-e-diz-mulheres-estao-perdendo-espaco-para-homens-que-se-sentem-mulheres/. Acesso 01/05/2026.

¹¹ noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/03/08/nikolas-faz-discurso-transfobico-na-camara-no-dia-da-mulher-imposicao.htm. Acesso em 01/05/2023.

¹² www.otempo.com.br/politica/congresso/apos-transfobia-duda-salabert-entrara-contr-nikolas-no-conselho-de-etica-1.2826088. Acesso em 01/05/2023.

Teoria do Espelho, que defende o jornalismo como um espelho do real. Assim, a notícia tende a refletir a realidade exatamente como acontece a nossa volta. Dessa forma, o jornalista é apenas um comunicador desinteressado e procura fazer um trabalho livre de juízos de valor e comprometido a informar a verdade, independente do fato ou das pessoas envolvidas.

Após a Teoria do Espelho, surgiu a Teoria Frankfurtiana. Essa teoria compreende a imprensa a partir da lógica capitalista. Ao discutir a esfera pública, Habermas (1984) *apud* Oliveira e Fernandes (2011) entende o jornalismo como um produto da indústria cultural que precisa ser bem “embalado” para ter lucratividade. O autor também aponta três fases que explicam o desenvolvimento da imprensa para melhor assimilar esta teoria: (1) Fase Artesanal - período em que os jornais funcionavam de forma amadora por meio de informativos comerciais (classificados); (2) Fase político-literária - os jornais funcionavam como difusores ideológicos e pedagógicos; (3) Fase da Imprensa como Indústria Cultural - com a burguesia no poder, o jornalismo acompanhou o desenvolvimento capitalista. Segundo Habermas (1984), os jornais priorizam o lucro em vez do conteúdo, em que o valor de troca se sobrepõe ao valor de uso.

Conforme Traquina (2001), nos anos 50, surgiu a Teoria do *Gatekeeper*. Desenvolvida por David Manning White, procura compreender os critérios de publicação e exclusão de notícias. Aqui, o jornalista é o responsável pela progressão ou morte da notícia, pois o poder decisório sobre elas está nas mãos deste profissional. Essa escolha se dá de forma subjetiva e arbitrária. Devido à necessidade de se explicar a Teoria *Gatekeeper* a partir do ponto de vista social e dos aspectos que influenciam a produção de uma notícia, surge a Teoria Organizacional. Proposta por Warren Breed, essa teoria explica que as normas da organização se sobrepõem às normas jornalísticas. Breed *apud* Traquina (2005) aponta seis fatores responsáveis pelo conformismo do profissional com a política editorial da empresa: (a) autoridade institucional e sanções; (b) aspirações de mobilidade, (c) sentimentos de obrigação e de estima para com os superiores; (d) ambiente pacífico; (e) prazer da atividade; (f) notícias como valor. A teoria vê a notícia como o resultado da interação social entre os jornalistas e a organização.

Apresentadas as primeiras teorias sobre o fazer jornalístico, torna-se necessário abordar as teorias que surgiram a partir da década de 70. Adota-se uma perspectiva

construcionista, em que o jornalismo é compreendido como uma construção social da realidade. Neste contexto, emerge a Teoria Estruturalista (Stuart Hall *apud* Traquina, 2001). A teoria aponta o papel de jornalistas, das fontes de informação e da sociedade. As notícias, para Traquina, são um produto resultante de três fatores (a) organização burocrática da mídia, (b) estrutura do valor notícia e (c) o momento de construção da notícia (mapas culturais). A Teoria Estruturalista, segundo Traquina (2001), visualiza o papel dos *media* como crucial, pois são eles que definem, para o público, os acontecimentos significativos e oferece interpretações de como compreender os fatos.

Outra teoria que segue a mesma linha de é a Teoria Etnoconstrucionista. Traquina (2005) enfatiza que essa teoria vê as notícias como o resultado de um processo de produção, que prevê a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (acontecimentos) num produto (as notícias). A teoria explica que os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo, que os pressiona a elaborar um produto final em um tempo hábil. Para tentar suprir os desafios da imprevisibilidade, Tuchman (1993) apresenta pontos para que as organizações jornalísticas cubram o espaço-tempo: (a) territorialidade geográfica: dividir o mundo em áreas de responsabilidade territorial (correspondentes), (b) especialização organizacional: sentinelas que produzem acontecimentos julgados com noticiabilidade e (c) especialização temática por seções, editoriais ou assuntos.

Semelhante à Teoria Etnoconstrucionista, tem a Teoria do Newsmaking, que se preocupa em analisar como os jornais transformam os acontecimentos em notícias (Wolf, 1999). São definidos critérios de noticiabilidade para definir o que deve ou não se tornar notícia. Wolf afirma que se tratam de um conjunto de fatores que selecionam os acontecimentos que ganham vida e se tornam notícias. Para que esses critérios sejam eficientes, precisam facilitar as escolhas e serem flexíveis.

Uma outra abordagem proposta na década de 70 foi a Teoria do Agendamento, ou *agenda-setting*, pelos pesquisadores americanos Maxwell McCombs e Donald Shaw. Segundo Coimbra (2018), nesta teoria, a mídia determina quais assuntos farão parte das conversas dos consumidores de notícias. Dificilmente não discutimos o que está na mídia, pois ela pauta nossas conversas do dia a dia. Porém, ao impor um menu seletivo de informações, impede que tenhamos conhecimento de outros temas importantes.

O Enquadramento Noticioso

A Teoria do Enquadramento tornou-se bastante relevante para entender o papel da imprensa como ator social e político e se relaciona à forma como os fatos são selecionados, enquadrados, num processo em que alguns aspectos do acontecimento são salientados e outros silenciados. O termo *frame*, desenvolvido por Goffman (1974) *apud* Coimbra (2018), busca explicar o modo como os indivíduos organizam o conhecimento no mundo. Bateson *apud* Coimbra (2018) diz que *frame* tem relação com o contexto, ou seja, é o enquadramento da situação que organiza a estrutura das mensagens e ações.

O termo enquadramento é comumente aplicado no campo jornalístico. Gaye Tuchman *apud* Coimbra (2018) explica que as notícias são o próprio enquadramento, já que, por meio delas, constrói-se a percepção de mundo e a relação da sociedade com ele. A autora afirma que esses enquadramentos podem ser problemáticos, pois esses recortes são o reflexo das estruturas das agências que produzem notícias. Segundo Tuchman, a rede de notícias impõe ordem ao mundo social pois permite que os acontecimentos noticiosos ocorram em determinados locais, mas não em outros. Quanto ao enquadramento, Entman *apud* Coimbra (2018) afirma que, consciente ou inconsciente, os comunicadores enquadram os assuntos guiados por crenças e valores pessoais.

Ao discutir sobre a relação entre política e mídias, Porto (2022) afirma que o jornalismo tradicional tem o viés de informar a população de forma objetiva e imparcial. Seguindo essa linha, o autor defende que, quando as mídias debatem sobre política, os conceitos de parcialidade e objetividade devem permear todo o processo da construção das notícias. Segundo Porto (2002, p.26), “ao tratar de temas políticos, as mídias devem impedir que valores e ideologias (principalmente dos proprietários e jornalistas) interfiram no relato dos ‘fatos’ (a noção de objetividade) ou evitar que os meios de comunicação favoreçam um grupo, partido ou candidato (a noção da imparcialidade).

Como há uma quebra do mito da objetividade, Hackett *apud* Porto (2002) sugere a substituição do termo “parcialidade” para “orientação estruturada”. A partir disso, inclui-se alguns aspectos de parcialidade (favoritismo, distorção), e várias outras relações e orientações que estruturam os fatos noticiosos. Hackett afirma que a mídia assume um papel político e ideológico mesmo quando há ou não objetividade e ou imparcialidade, mas também quando é feita sob um conjunto de regras e conceitos ativados pelos jornalistas, nem sempre com a intenção de manipular ou iludir.

Identities, Stigmas and Trans Universe

Numa sociedade cada vez mais marcada pelo efêmero e pelas transmutações, as identidades tornam-se fluidas, fragmentadas, efêmeras e plurais (HALL, 1997). Mas a sociedade avançou pouco em relação a estigmas enraizados na vida social, como o machismo, o racismo e a LGBTfobia. Goffman (1982) discute estigmas e analisa os diferentes aspectos da situação da pessoa estigmatizada, sejam os delinquentes, as prostitutas, os ciganos, os mendigos etc. O autor explica que tais pessoas são consideradas inseridas numa espécie de negação coletiva da ordem social. Tal debate remete às vivências da popularização LGBTQIAPN+, já que, na sociedade, prevalece a ideia de que a dominação está nos grupos dominantes: gênero (dominação masculina), raça (branca), heteronormativa e cisgênero. O autor afirma que o diferente é visto como inferior, uma “deformação” ou “anormalidade”. A Psiquiatria definia “homossexualismo” como uma doença a ser tratada até 1973, quando adotou o termo homossexualidade por entender que não se trata de patologia, mas de orientação sexual.

A população LGBTQIAPN+ é um dos principais alvos de ataques numa sociedade conservadora e heteronormativa. Isso remete ao debate sobre gênero. De acordo com Alves (2020, p. 59), expressão de gênero refere-se a um conjunto de elementos acionados pelos sujeitos para se apresentar num determinado gênero e “se materializa nos comportamentos, nos gestos, nas regras sociais, nas coisas, nos sujeitos, nas cores, nos lugares, nos objetos, nos corpos, nos hábitos, nas instituições e também nas produções culturais humanas”. Tal é a distinção entre cisgênero – para os que se identificam com o mesmo sexo que nasceram; e trans para os que se identificam com o sexo oposto, além de outras configurações de gênero, tendo em vista que se entende que se trata de algo fluido e mutável ao longo da vida.

Outro conceito imprescindível, remete à orientação sexual. Para Valença e Carvalho (2019 *apud* SANTOS, 2020), a orientação sexual refere-se à indicação por quem uma pessoa se sente atraída, sexual e/ou afetivamente. A atração pode ser por pessoas do mesmo sexo, do gênero oposto, pelos dois ou nenhum. Segundo Valença e Carvalho (2019 *apud* SANTOS, 2020), a orientação sexual não se vincula à identidade de gênero, mas à forma como ela se posiciona ou se percebe no mundo. Tem-se a ampliação da sigla e da compreensão de gêneros – LGBTQIAPN+, que incorpora lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, intersexuais, assexuais, pansexuais

e não binários. Deve-se levar em conta que as identidades são fluidas e em permanente construção social.

Hoje, os olhares sobre a população LGBTQIAPN+ foram ampliados, tanto em busca de representatividade social, como na mídia e também no mundo acadêmico. Em decorrência disso, Sofia Favero (2020), ao propor uma ética pajubariana nos estudos que discutam pessoas trans, afirma que a inserção de mulheres trans e travestis no universo acadêmico como pesquisadoras aponta um deslocamento do lugar de “pesquisadas” para a de “pesquisadoras”. Ela entende que é necessária a criação de uma ética capaz de conciliar os esquemas linguísticos e cosmológicos (ética pajubariana) com o cenário científico atual. O intuito do artigo de Favero (2020) é problematizar as formas como tais agenciamentos podem ser potencializados na esfera acadêmica.

Ao traçar um panorama das pesquisas sobre travestis e mulheres trans, nas Ciências Humanas, no Brasil, Favero (2020) afirma que, a partir de 2010, chegou o debate sobre “transfeminismo”, que estimulou a criação de organizações políticas dessa população. Há, hoje, uma maior politização da diversidade sexual e de gênero na esfera pública – no contexto digital. Ela destaca a inserção de pesquisadoras trans e travestis, na academia, pelo país com publicações autorais.¹³

Santos (2020) afirma que as escolas, os hospitais e as instituições sociais, em geral, têm gênero e marcadores sociais, de estratificação social e de raça. Assim, a violência contra as pessoas trans acionam vários tipos de estigmas: gênero (machismo), orientação sexual (transfobia), *status* social e raça (racismo estrutural). Sofia Favero (2020), por sua vez, fala da sua trajetória acadêmica – graduação e mestrado, por ser uma pesquisadora travesti num universo marcado pela ordem heteronormativa e cisgênero, e foca no estudo de “crianças trans”. Ela cita constrangimentos que passou por ocupar um “lugar” no universo acadêmico, sejam pelos olhares, comentários e condutas estigmatizantes. Favero afirma que sofreu violência simbólica e relata que acionou o “lugar de fala” como travesti para desenvolver a sua dissertação de mestrado.

Com efeito, estou falando em primeira pessoa. Não é uma decisão impensada, uma vez que busquei, ao longo do processo de escolha de um tema para a pesquisa na referida dissertação, articulá-lo a mim de algum

¹³ Favero (2020, p.4) menciona diversas pesquisadoras travestis e trans, que estão espalhadas pelo Brasil, como é o caso de Bia Bagagli (UNICAMP), Viviane Vergueiro (UFBA), Jaqueline Gomes de Jesus (IFRJ), Emilly Mel Fernandes (UFRN), Alícia Krüger (UEPG), Fran Demétrio (UNB), Megg Rayara (UFPR), Adriana Sales (UNESP), Luma Andrade (UNILAB), Ariane Senna (UFBA), Rebecka de França (UFRN), Marini Bataglin (UFRGS), Sofia Favero (UFRGS) e tantas outras.

modo. Assim, passei a estudar infância e transexualidade, mas não somente porque fui criança ou fui travesti/trans um dia. Existia um cenário controverso de revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-11), assim como uma série de debates sobre Ideologia de Gênero e Escola Sem Partido no Brasil. As investidas diagnósticas e as ofensivas antigênero estavam regulando o debate sobre ‘transexualidade infantil’. E diante desse contexto, gostaria de expor algumas trilhas que eu e minha orientadora percorremos ao utilizar diversas perguntas norteadoras como veículos de condução para a pesquisa – aviso, de antemão, que ser travesti era um dado que aparecia em todos eles (FAVERO, 2020, p. 5).

No percurso da pesquisa, Favero (2020) afirma que mudou várias vezes o seu objeto de pesquisa e como implementá-lo a partir da temática “infância e gênero”. No final, optou por estudar os modos pelos quais os discursos e práticas tanto da clínica quanto dos movimentos sociais se articulavam na produção do que se chamava de “criança trans”. Ela destaca que estudos sobre trans e travestis devem ser historicizáveis e questiona como pesquisas lançam um olhar baseado na política do relato, enquadrando mulheres trans e travestis nas suas vulnerabilidades sociais. Fica subentendido que a vivência trans vincula-se a sofrimento, colocando-as só como vítimas, o que gera simplificação. “Aqueles que não são necessariamente marcados por percursos vitais tidos como ‘sofridos’ ou que não trazem consigo os aspectos identitários necessários podem ter acesso negado a suas autobiografias” (FAVERO, 2020, p.9).

Segundo Favero (2020), outros problemas emergem nas pesquisas sobre trans. Além de enquadrá-las sob a ótica da vitimização, ela aponta que se criam expectativas de que “travestis e mulheres trans posicionem-se subjetivamente em seus empreendimentos acadêmicos, como se a alternativa da privacidade se tornasse uma impossibilidade para as mesmas” (FAVERO, 2020, p. 9).¹⁴

Para Favero, pensar uma ética pajubariana não é apenas a transgressão da linguagem que está em debate, mas o tangível rompimento com um modo “seguro” de obtenção de dados. Favero (2020, p. 16) afirma que “pajubar a ética é cavar outras hipóteses, mudar a forma de fazer perguntas. E não significa que pode ser feita apenas pelas travestis, pois até os que se envolvem com elas em seus cotidianos laborais são capazes de fazê-lo. Ela diz que não basta chocar por estudar travestilidade, mas entender

¹⁴ Quanto à ética pajubariana, Favero (2020, p.15) explica que o termo pajubá – de tradição yorubá e nagô – popularizou-se após ser incluído no ENEM de 2018, e, no universo acadêmico, pajubá já foi utilizado por diversos pesquisadores, que se interessam pelos estudos raciais, sexuais e de gênero “Aquendar”, na sociabilidade das travestis e mulheres trans, costuma dizer respeito ao processo de “trucar” o próprio genital com alguma roupa íntima apertada. Todavia, “aquendar” vai dizer respeito a perceber algo. “Aquenda isso, mona!” – seria uma sentença facilmente traduzida como “veja isso!” ou então “esconda isso!”. Já o termo “trucar” pode significar conservar, guardar, enganar. (FAVERO, 2020, p. 15).

que até ao se aplicar questionários há um deslocamento de pessoas cis para pessoas trans. Para Favero (2020, p. 19), trata-se de um exercício epistemológico em que “deslocar-se da posição de pesquisadas para a de pesquisadoras tem sido uma cláusula para as travestis universitárias”.

Metodologia e Resultados

Quanto aos procedimentos metodológicos, optou-se por três etapas: (1) pesquisa bibliográfica para construir o referencial sobre o jornalismo e o debate sobre gêneros e universo trans; (2) pesquisa documental, com a coleta de 17 notícias postadas no jornal *O Globo* online que tratassem, em março de 2023, da polêmica sobre o ato transfóbico de Nikolas Ferreira; (3) análise de conteúdo (Bardin, 2011), tomando como categorias de análise como o ato transfóbico de Nikolas Ferreira foi enquadrado pelo jornal e que outras vozes foram acionadas. O Quadro 1 detalha as notícias.

Quadro 1 - Notícias sobre o ato transfóbico de Nikolas Ferreira no *O Globo*

Data	Manchete	Descrição
08/03/2023 Notícia Katlen Barbosa e Jan Niklas	Nikolas Ferreira usa peruca para fazer discurso transfóbico em Dia da Mulher na Câmara	A notícia é um vídeo na íntegra do momento em que Nikolas Ferreira faz o discurso transfóbico na Câmara e fecha com a fala da Deputada Maria do Rosário (PT) pedindo uma sessão respeitosa.
08/03/2023 Notícia Luís Felipe Barbieri	Tabata Amaral vai pedir a cassação de Nikolas Ferreira por fala transfóbica	A notícia traz um vídeo na íntegra da deputada Tabata Amaral (PSB), que explica que Nikolas cometeu crime de transfobia embasada em artigos constitucionais e estatística sobre violência contra trans. Pede a retirada da fala do deputado e que seja levado ao conselho de ética.
09/03/2023 Blog “Sonar - A escuta das redes” Fernanda Alves	Filho de Bolsonaro elogia discurso transfóbico de deputado Nikolas Ferreira no Dia da Mulher: ‘acertando em cheio’	A notícia, publicada no blog “Sonar- a escuta das redes” e escrita por Fernanda Alves, informa que Jair Renan compartilhou o vídeo da fala transfóbica de Nikolas no Twitter e fez um elogio. Conta que o filho “04” foi nomeado para atuar no senado. Na questão visual, há uma foto em que de um lado está Jair Renan e do outro Nikolas de peruca e mais abaixo um print do Twitter.
09/03/2023 Blog “Sonar - A escuta das redes” Luísa Marzullo	Nikolas Ferreira compartilha vídeo de Lula fora de contexto como defesa de fala transfóbica	A matéria é uma publicação do blog “Sonar”, escrita por Luísa Marzullo, e relata que Nikolas compartilhou um vídeo de Lula para defender seu discurso transfóbico e acusá-lo do mesmo preconceito. Há uma transcrição da fala do vídeo de Lula e, por fim, explica-se o que aconteceu no Dia Internacional da Mulher na Câmara dos Deputados, com reproduções das falas do deputado e uma do Arthur Lira. Há a imagem de Nikolas de peruca.
09/03/2023 Reportagem Ana Flávia Pilar	Relembre oito polêmicas do deputado Nikolas Ferreira, além do discurso transfóbico no Dia da Mulher	A matéria, escrita por Ana Flávia Pilar, traça um breve histórico de outras situações em que Nikolas Ferreira foi preconceituoso. Cita falas do deputado em cada situação. A imagem é a foto de Nikolas com a peruca fazendo o discurso na Câmara e a foto da influenciadora Thais Carla.
09/03/2023	Nikolas Ferreira	A notícia, de Luísa Marzullo no blog “Sonar”, explicar o aumento

Blog “Sonar - A escuta das redes” Luísa Marzullo	ganha 46 mil seguidores após fala transfóbica; aumento só fica atrás daposse e de 8 de janeiro	de engajamento nas redes sociais de Nikolas Ferreira após o discurso transfóbico. Ela conta como se dá esse aumento, transcrições de falas do deputado e cita uma publicação no <i>Twitter</i> de Erika Hilton. Há uma fala do diretor André Eler que explica como os números são expressivos na bolha da direita. Há um texto em que explica como o discurso foi repudiado e como Nikolas se defendeu nas redes sociais. A foto é o deputado de peruca na Câmara.
09/03/2023 Notícia Luísa Marzullo	MPF aciona Câmara e pede investigação por fala transfóbica de Nikolas Ferreira	A notícia, escrita por Luísa Marzullo, conta que o discurso transfóbico vai ser investigado pelo MPF. Como fontes, há a fala da procuradora Luciana Loureiro Oliveira. Ao fim, discute sobre quais parlamentares pediram a cassação e usa a fala de Tabata que repudia a atitude do deputado e Samia Bomfim que protocolou uma notícia-crime. A foto é Nikolas de peruca.
10/03/2023 Blog “Lauro Jardim” Rodrigo Castro	André Mendonça será o relator de notícia-crime contra Nikolas Ferreira por fala transfóbica	A notícia é uma publicação do blog “Lauro Jardim” e foi escrita por Rodrigo Castro. Ela explica que Duda Salabert e Erika Hilton são as autoras das notícias-crimes. Também conta como foi o discurso na Câmara e transcreve as falas do deputado Nikolas. Comenta sobre como André Mendonça é engajado na causa LGBT. A foto é Nikolas de peruca na Câmara no Dia da Mulher.
10/03/2023 Blog “Sonar A escuta das redes”	Ex- BBB Ana Paula Renault discute com o deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG)	A notícia é um vídeo na íntegra do diálogo entre Ana Paula e Nikolas dentro de um avião e discutem sobre a falta de respeito do deputado com a comunidade LGBTQIA+. No fim, Ana Paula pede assinaturas para conseguir a cassação.
10/03/2023 Blog “Sonar A escuta das redes” Luísa Marzullo	Em 24h, petição de Erika Hilton por cassação de Nikolas Ferreira é assinada por 200 mil pessoas	A notícia, publicada no blog “Sonar” e escrita por Luísa Marzullo, informa que o pedido de cassação criado por Erika Hilton reuniu muitas assinaturas. Há uma transcrição da fala do deputado no Dia da Mulher, um trecho do abaixo-assinado e uma fala da deputada. A foto é uma divisão entre Erika gravando o vídeo e Nikolas de peruca.
10/03/2023 Blog “Sonar A escuta das redes” Louise Queiroga	Após atitude transfóbica, Nikolas Ferreira bate-boca com Ana Paula Renault em avião	A notícia, publicada pelo blog “Sonar” e escrita por Louise Queiroga, narra como aconteceu o fato no avião e há transcrições das falas dos envolvidos. Há também uma citação do STF que explica qual foi o artigo que o deputado infringiu. Há explicações do que aconteceu no Dia da Mulher com falas do deputado e como o fato gerou popularidade nas redes sociais de Nikolas. Comenta que o deputado faz ataques recorrentes à Duda Salabert. Em relação as fotos, tem-se uma em que um lado é Ana Paula e do outro Nikolas no avião, um vídeo do discurso e uma de Nikolas e da Duda.
11/03/2023 Blog Bela Megale	O recado de Valdemar para Arthur Lira após reprimenda a Nikolas Ferreira por fala transfóbica	A notícia, escrita pela colunista Bela Megale, trata de uma postagem, feita por Valdemar Arthur, que apoia o discurso de Nikolas Ferreira e critica a atitude do presidente da câmara. Como fonte, utilizou as falas de Arthur Lira. Há uma foto única do Arthur Lira.
13/03/2023 Blog “Sonar A escuta das redes” Luísa Marzullo	Após briga com Nikolas Ferreira, ex-BBB Ana Paula Renault relata ameaças	A nota é post do blog “Sonar”, idealizado por Luísa Marzullo. Explica-se que, após a discussão com Nikolas, a ex-BBB está sendo alvo de ameaças nas redes sociais. Faz uma recapitulação do discurso transfóbico e a discussão entre Ana Paula e Nikolas no avião. Como fonte, falas de Ana Paula, Nikolas e do STF. Há duas fotos: uma em que Ana Paula e Nikolas aparecem em cada lado da foto e uma única do Nikolas de peruca no Dia da Mulher.
15/03/2023 Blog “Ancelmo Gois” Nelson Lima	Ato de transfobia do deputado Nikolas Ferreira já é assunto em cinco ações no STF	A nota, publicada no blog “Ancelmo Gois” e escrita por Nelson Lima Neto, explica que Nikolas é alvo de investigações por ações criminosas e preconceituosas anteriores. É a única notícia que chamou Nikolas de bolsonarista e deu mais detalhes de nomes de deputados que defendem a investigação. A foto é o Nikolas de

		peruca.
15/03/2023 Blog “Lauro Jardim” Rodrigo Couto	Nikolas Ferreira já é alvo de cinco-notícias crimes no STF por fala transfóbica	A notícia, publicada no blog “Lauro Jardim” e escrita por Rodrigo Couto. A notícia explica que Nikolas tem outras passagens criminosas pelo STF e finaliza transcrevendo a fala de André Mendonça de que transfobia pode ser comparada ao crime de racismo. A foto é Nikolas Ferreira de peruca.
22/03/2023 Notícia Lauriberto Pompeu	Eduardo Bolsonaro diz que Nikolas Ferreira vai definir o que é homem e o que é mulher	A notícia, escrita por Lauriberto Pompeu, destaca o fato de que Michelle Bolsonaro foi empossada como presidente do PL Mulher e, Eduardo Bolsonaro, ao saber da presença de Nikolas, disse que o deputado é quem vai decidir quem é mulher. Também há uma reconstrução do que aconteceu no Dia da Mulher. Usa-se uma fala machista e preconceituosa do senador Magno Malta que explica que só é mulher quem tem útero. Relata que Michelle vai divulgar o partido pelo país e ironizou as joias terem sido retidas pela Receita Federal. Há uma foto de Eduardo Bolsonaro e uma outra de Michelle.
24/03/2023 Notícia Luísa Marzullo	Nikolas Ferreira assume diretório municipal do PL em BH, após discurso transfóbico no Dia da Mulher	A notícia foi escrita por Luíza Marzullo e trata do fato de Nikolas ter virado presidente do PL de BH junto com Julia Zanatta, ambos envolvidos em polêmicas recentes (um pelo discurso transfóbico e Zanatta por posar com uma metralhadora e fazer referências a Lula). Há transcrições de falas do deputado federal. Também chamou Nikolas de bolsonarista e há uma foto de Nikolas de peruca.

Fonte: elaboração própria dos autores (2023)

Ao fazer uma análise de conteúdo das 17 notícias, entre notícias, apenas 1 reportagem e notas de colunistas, observa que *O Globo* não aprofundou o debate sobre o ato transfóbico do deputado federal Nikolas Ferreira. Ao contrário, transformou o episódio, que merecia uma cobertura aprofundada por remeter a um debate carregado de estigmas e desinformação, num fato retratado apenas em colunas. Do total (17), 11 unidades de análise (65%) referem-se a postagens feitas em blogs. Destaca-se o Blog “Sonar – a escuta das redes”, que publicou sete das 17 notícias (42%). Isso fica evidente na falta de variedade de uso de imagens/fotos. A foto de Nikolas Ferreira, no momento do seu discurso na Câmara, é utilizada como única ilustração em 10 das 17 notícias.

Quadro 2 – Gêneros e Autores das Notícias publicadas sobre o ato transfóbico

Gênero jornalístico	Autores	Total	Percentual
Blog – Colunista – “Sonar – A escuta das redes”	Luísa Marzullo	05	29%
Blog – Colunista “Sonar – A escuta das redes”	Fernanda Alves e Louise Queiroga	02	12%
Blog “Lauro Jardim”	Rodrigo Couto	02	12%
Blog “Ancelmo Gois”	Nelson Lima	01	6%
Blog - Colunista	Bela Magele	01	6%
Notícias	Luísa Marzullo (2), Lauriberto Pompeu (1), Luís Felipe Barbieri (1) e Katlen Barbosa e Jan Niklas	05	29%
Reportagem	Ana Flávia Pilar	01	6%
	TOTAL	17	100%

Fonte: Elaboração própria, 2023

Ao dialogar com as teorias do jornalismo, em primeiro lugar, observa-se que, diferentemente do que diz a Teoria do Espelho, não houve uma neutralidade na cobertura sobre o fato. Em nenhuma das notícias, a deputada federal Duda Salabert (PDT) foi entrevistada. Não foram ouvidos especialistas que pudessem explicar o aspecto jurídico e político (possível punição ao parlamentar) e, principalmente, as implicações sociais. Somos o país recordista de assassinatos da população trans. A imprensa ignorou a importância das falas das deputadas trans, que não tiveram voz, comprometendo a polifonia que se deve ter no jornalismo. Tuchman (1993) afirma que um dos rituais estratégicos da objetividade jornalística é ouvir os lados envolvidos.

Percebe-se que o jornal priorizou uma cobertura mais factual e sensacionalista em vez de trazer um jornalismo interpretativo, que pudesse aprofundar num debate que é essencial à sociedade. Tratava-se do Dia Internacional da Mulher, em que um deputado transfóbico e machista ocupa a cena no Congresso Nacional para desconstruir gêneros. Numa das falas evocadas pelo *O Globo*, o deputado Eduardo Bolsonaro (PL) afirma que, no Congresso PL Mulher, caberá a Nikolas Ferreira dizer “o que é homem e o que é mulher”. No outro dia, o jornal anuncia que Nikolas se tornou o presidente do PL de Belo Horizonte, uma forma de legitimar os seus discursos e a sua atuação no combate à comunidade LGBTQIAPN+. O veículo informa que o parlamentar ganhou 46 mil novos seguidores nas redes sociais após o fato. Não há uma proposta de debater as questões que são de interesse público (Habermas *apud* Oliveira e Fernandes, 2011).

Ao privilegiar o factual em detrimento de uma abordagem jornalística aprofundada, o jornal focou nos factoides gerados pelo ato transfóbico que, de uma forma geral, beneficiaram muito a imagem de Nikolas Ferreira (PL). Mesmo que tenha sido publicado que ele seria investigado pelo Ministério Público Federal (MPF), o importante é que ele garantiu palco não somente no Congresso, mas, principalmente, na mídia, conseguindo propagar muito mais o seu ato nas redes sociais. Indo contra a legislação brasileira, que penaliza a homofobia, a transfobia, o deputado não só cometeu o crime ao ofender as deputadas trans, como utilizou o “espetáculo” gerado pela própria mídia para ganhar mais capital político e simbólico, conforme aponta Bourdieu (1989).

Quanto à Teoria Etnoconstrucionista, observa-se que, mesmo sem conhecer a rotina da editoria de política, é possível identificar como se consolida a apuração da rede noticiosa. A jornalista Luísa Marzullo, da editoria de Política de *O Globo*, que é

nova no grupo (ingressou em 2022) e com uma carreira iniciante, foi responsável por sete das 17 notícias, o que revela que não houve uma preocupação em deixar a cobertura com jornalistas que já estavam há mais tempo na cobertura.

Pode-se mencionar as Teoria do Agendamento e Teoria do Enquadramento. Quanto ao agendamento, observa-se que o fato teve grande repercussão e foi agendado, mas não como um momento crítico de ofensas às minorias, mas como um acontecimento mais sensacionalista. Depois da agressão às mulheres, às trans, o deputado trocou ofensas com a ex-BBB Ana Paula Renault, amplamente divulgado no jornal. O fato ganhou uma dimensão espetacular, por ter sido uma discussão durante um voo em que os dois estavam. Assim, o fato saiu da dimensão política e entrou no campo das celebridades, bem próximo do que fazem os sites e revistas de fofocas.

Ao relacionar agendamento e enquadramento, identificamos claramente que o fato foi bastante repercutido pelo jornal em colunas num viés factual. Nesse sentido, constata-se que, na cobertura do *O Globo*, alguns aspectos foram destacados (o caráter sensacionalista, os ganhos que Nikolas teve no seu núcleo político e entre seus seguidores e o risco de ser processado que o mantinha nos holofotes) em detrimento de outras questões que são de fato relevantes (a dimensão legal e jurídica, o contexto político e, principalmente, o debate sobre gêneros e transfobia). Isso é uma forma de construir a realidade a partir do recorte da realidade (Porto, 2002. Coimbra, 2018).

Recorrendo ao debate de Santos (2020) e Favero (2020), percebe-se que tanto o mundo da política, como a mídia e a sociedade brasileira estão longe de superar os estigmas e, principalmente, a LGBTfobia. Se famílias, escolas são locais opressores e de exclusão da população LGBTQIAPN+, tanto pelos ataques como pela dificuldade de deixar que tais grupos se insiram, nos campos sociais a situação se repete a partir da violência simbólica, apontada por Bourdieu (1989).

Conclusão

No Dia Internacional da Mulher, em que as deputadas trans poderiam comemorar as conquistas, como a própria vitória nas eleições, e usar o espaço no Congresso para apontar o quanto ainda é preciso caminhar para uma sociedade que aceita a diferença, ocorreu o inverso. Numa postura excêntrica, Nikolas Ferreira quis os holofotes e conseguiu não somente para parlamentares, mas no palco midiático, que lhe garante muito mais visibilidade e poder simbólico. Isso acaba por remeter à ideia que se

dissemina no senso comum de que o “crime compensa” no Brasil, tendo em vista que há muita impunidade e os que estão para legislar e criar leis para defender a cidadania são os mais violentos e os obstáculos para um país diverso, livre e com um Estado laico.

A partir do debate teórico e das análises feitas sobre a cobertura do jornal *O Globo*, identifica-se uma cobertura factual, sensacionalista, que se limitou a publicar notas de colunistas em detrimento de um jornalismo interpretativo que pudesse lançar luz sobre questões importantes para a sociedade civil, para o universo da democracia e à democracia, que se refere a gêneros em suas complexidades e as violências exercidas contra as minorias, muitas vezes pela transfobia.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

COIMBRA, M. R. **A disputa de sentidos sobre a imagem de Dilma Rousseff**: as estratégias de construção da imagem da ex-presidente versus o enquadramento noticioso da Folha de S. Paulo no período do impeachment. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2018.

FAVERO, S. Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 1–22, 2020. DOI: 10.21680/2446-5674.2020v7n12ID18520. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/18520>. Acesso em: 22 jul. 2023.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Dp&a, 1997.

OLIVEIRA, L.A; FERNANDES, A.B. Espaço público, política e ação comunicativa a partir da concepção habermasiana. **Revista Estudos Filosóficos UFSJ**, v.6, 2017, p.116-130.

PORTO, M. Enquadramentos da Mídia e Política. In: **Anais do XXVI Encontro Anual Da Associação Nacional De Pós-Graduação em Ciências Sociais – ANPOCS**, Caxambu, 2002.

SANTOS, T. do A. **Toda escola deveria ter uma Parada do Orgulho LGBTQIA+ que ajudasse a sair do armário e a enfrentar o Bullying com motivação LGBTfóbica**. 2020. 135 p. Dissertação (Mestrado Profissional PROMESTRE) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

TRAQUINA, N. **Estudos de Jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.

TUCHMANN, G. Contando estórias. In: TRAQUINA, N. (Org). **Jornalismo**. Questões, teorias e ‘estórias’. Lisboa: Editora Vega, 1993.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.